

A IMAGEM DA CRIANÇA NEGRA NO CINEMA

Pesquisa documental apresentada ao curso de Psicologia da UNIVILLE, como requisito parcial para obtenção de aprovação na disciplina de Projeto Integrador II

2017

Camila de Franco Tobar
Joana David de Lima
Mayara Regina Liermann
Paola Stefanon Ferreira

Estudantes da segunda série do Curso de Psicologia da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), Brasil
camilatobar@yahoo.com.br

Mariana Datria Schulze

Doutora em Educação do Departamento de Psicologia da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), Brasil
stefanon.paola@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo investigar quais os papéis que as crianças negras de 5 a 12 anos representam na cinematografia mundial, no período de 2006 a 2016. Para tanto, utilizou-se o site IMDb¹ como fonte de pesquisa para coleta de filmes, filtrando-os por número de votos a cada ano e retirando-se os que não se encaixam na categoria “filme”. Das 1.800 produções analisadas, 1.430 são filmes lançados entre 2006 e 2016, sendo que destes 25,52% possuem crianças brancas no elenco enquanto 2,23% possuem crianças negras. Os papéis encontrados foram de crianças pobres ou de classe média, filhos de escravos, crianças que sofrem racismo, que apresentam outras configurações familiares², vivem em situações de guerra ou que se comportam de forma socialmente não aceitável.

¹ Sigla para *Internet Movie Database* (Base de Dados de Filmes na *Internet*)

² Arranjos familiares que englobam os seguintes cenários: pais solteiros, mães solteiras, pais separados, filhos órfãos, entre outros.

Palavras-chave: Cinema, crianças negras, estereótipos, representação.

Copyright © 2019.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



1. INTRODUÇÃO

A cinematografia é considerada um símbolo na história da sociedade moderna e chega com o surgimento dos primeiros filmes por volta de 1895. Contudo, essa arte, uma das principais do século XX, trouxe consigo a exclusão da população negra, visto que durante os primeiros 40 anos do cinema, era comum que pessoas brancas fossem pintadas de preto para representarem negros de forma pejorativa.

Segundo Benetti (2013), um filme esboça o quadro de uma sociedade e consegue, também, criar estereótipos que reforçam preconceitos socioculturais. Desta forma, promover outras imagens dos negros contribui para criação de novas relações entre negros e brancos, além de possibilitar ao negro criar novas imagens sobre si mesmo a partir destes filmes, imagens e narrativas.

Os filmes clássicos do cinema trazem, em sua grande maioria, atores de etnia branca com papéis de destaque, refletindo, deste modo, um padrão socialmente estabelecido em que homens, brancos, heterossexuais e de bom caráter, têm maior valor e importância na sociedade. Em contrapartida, os atores negros costumam interpretar papéis de bandidos, empregados, pobres, moradores de favelas e de baixo nível socioeconômico.

Considerando que os atores negros mundialmente conhecidos são adultos e possuem papéis recorrentes no cinema, percebeu-se a necessidade de pesquisar sobre os papéis que as crianças negras, ainda tão pouco estudadas, recebem nos filmes. Esta pesquisa se propôs a investigar os papéis das crianças negras e seu nível socioeconômico nas produções cinematográficas brasileiras e estrangeiras.

A investigação sobre a trajetória do cinema, partiu de autores recorrentes nas pesquisas realizadas, como Turner (1997) e Duarte (2009), apresentando a história do cinema mundial, bem como as representações. Os principais aspectos pesquisados foram a história do cinema, a trajetória



do negro no cinema, as premiações de produções cinematográficas, os estereótipos e os papéis das crianças negras no cinema.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Breve história do cinema

Desde o século XVI, algumas invenções como os teatros de luz, a lanterna mágica do século XVII, a fotografia no século XIX, e estudos sobre os movimentos dos animais, do fisiologista francês Etienne-Jules Marey em 1887, deram os primeiros passos para o que conhecemos hoje como cinema. Já em 1893, Thomas A. Edison patenteou seu cinetoscópio e os irmãos Lumière o cinematógrafo (GARCIA, 2012).

Os primeiros filmes surgiram por volta de 1895 com os irmãos Louis e Auguste Lumière, em formatos que hoje consideramos “curta metragem”. Numa exibição de cerca de 20 minutos, *La Sortie de l'usine Lumière à Lyon* (Empregados Deixando a Fábrica Lumière) e *L'Arrivée d'un train à La Ciotat* (Chegada de um Trem à Estação de la Ciotat), foram projetados no Grand Café, em Paris. Eram filmes mudos e em sua maioria, documental, que marcaram o “início do cinema”.

Ao longo da história do cinema algumas produções tiveram maior reconhecimento do público. Duarte (2009, p. 25) cita filmes como “O circo” (1928), “Luzes da ribalta” (1931) e “Tempos modernos” (1936) de Charles Chaplin, ou ainda “Janela indiscreta” (1954) e “Psicose” (1960) de Alfred Hitchcock, “Laranja Mecânica” (1971) e “2001, uma odisseia no espaço” (1968) de Stanley Kubrick, entre outros, como produções que transformaram a história da cinematografia no mundo. Todavia, em nenhuma dessas produções há um ator/atriz negra nos papéis relevantes.

Durante os primeiros 40 anos do cinema, era comum que pessoas brancas fossem pintadas de preto e representassem de forma pejorativa os negros. O termo *blackface* é usado para descrever essas representações nas produções, como em “O nascimento de uma nação”, de 1915, e “A cabana do pai Tomás”, de 1903.

Até 2016, é notável a falta de representação do negro no cinema. A participação de atores negros nas produções é pontual e menor ainda em premiações. Hattie McDaniel foi a primeira atriz negra a receber um prêmio por seu papel de atriz coadjuvante no sucesso “...E o vento levou” em 1940. Somente em 1964, Sidney Poitier ganhou um Óscar de melhor ator, pelo filme “Uma voz nas sombras” (1963), dirigido por Ralph Nelson, e em 2002, tornou-se o primeiro artista negro a receber um Óscar Honorário.

Em 2016, alguns atores manifestaram-se em relação a falta de representação negra nas premiações do Oscar, aderindo ao movimento *#OscarSoWhite* e anunciando que não iriam à cerimônia. O movimento chamou a atenção da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, que iniciou discussões a respeito das regras da premiação, para aumentar as chances das minorias a conquistarem. Em 2017, o filme “Moonlight”, que conta a história de um jovem negro morador de Miami, venceu a premiação do Óscar de melhor filme e o muçulmano Mahershala Ali como melhor ator coadjuvante.

Em 89 anos da famosa premiação do Óscar, apenas quatro homens negros venceram como melhor ator e apenas uma mulher como melhor atriz. Com relação a crianças, nenhuma venceu nas categorias de melhor ator/atriz. Somente três crianças venceram o Óscar, em outras categorias, e nenhuma delas é negra.

A trajetória do negro no cinema evidencia a existência do preconceito racial nesse meio, que, por vezes, é ignorado ou tido como coincidência. Sendo assim, consideramos de extrema importância analisar a atuação desse, bem como sua história, para entender que apesar das pequenas conquistas, ele está longe de assegurar equidade com os brancos.

2.2 Estereótipos raciais e a construção de personagens

Os estereótipos geram os preconceitos, que se constituem em um juízo prévio a uma ausência de real conhecimento do outro.

Kabengele Munanga

A máquina dos irmãos Lumière passou a reproduzir a realidade através de imagens ou ainda um mundo mágico onde o espectador possa se refugiar. O cinema nos oferece algo maravilhoso, o “sonhar de olhos abertos”, ele “amplia a capacidade de sonhar e permite objetivar a mais subjetiva das experiências humanas: o sonho.” (LOPES, 2012, p. 104) As pessoas sonham com o que veem nas produções, se projetam nas histórias, seja na forma de se reconhecer no papel ou se afastando do mesmo.

O espectador cria um sentido para o que assiste, assim, os filmes produzem significados para ele. Segundo Lopes (2012, p. 67):

O medo, os traumas, os sonhos e pulsões inconscientes foram adotados pelos cineastas que os inseriram em diversas narrativas fílmicas, de maneira que estes elementos são o

grande filão no qual muitos filmes, principalmente dos gêneros drama e suspense, se ancoram para tratar de questões relacionadas com as perversidades infantis e as lembranças delas na vida adultas.

Da mesma forma que o público se identifica com os personagens, o cinema cria estereótipos que reforçam preconceitos recorrentes em nossa sociedade. Segundo Duarte (2009, p. 47), “apesar de alguns esforços isolados feitos em contrário, o olhar masculino, branco, ocidental e, sobretudo, heterossexual ainda é o que predomina nas convenções de representação de temáticas distintas no chamado cinema dominante.” É comum nos filmes os “mocinhos” serem os brancos e o negro ou latino normalmente interpretarem o papel do pobre, morador de favelas, bandido ou traficante.

Estes estereótipos contribuem para o preconceito e para a perpetuação do racismo que segundo Cashmore (2000, *apud* COQUEIRO, 2008, p. 14), é “doutrina, dogma, ideologia ou conjunto de crenças, cujo elemento essencial é que a raça determina a cultura, e dela derivam as alegações de superioridade racial. Num sentido ampliado, a palavra é usada para incorporar práticas, atitudes e crenças.” Ainda de acordo com o autor, o preconceito é derivado do racismo e pode ser definido como “conjunto de crenças e valores aprendidos, que leva um indivíduo ou grupo a nutrir opiniões a favor ou contra os membros de determinados grupos, antes de uma efetiva experiência com estes”.

Os valores aprendidos socialmente e repassados para as produções cinematográficas repercutem quando o espectador atribui algum significado ao que vê, e torna isso uma realidade para si. Se o branco se reconhece no papel de herói ou daquele que detém o poder, pode-se questionar em quais papéis os negros se reconhecem e em quais papéis os brancos reconhecem os negros. Restringir os papéis dos negros a estereótipos populares, contribui para que os espectadores antecipem o mesmo tipo de imagem, como a do negro marginalizado, e surpreendam-se, por exemplo, com heróis negros.

Após décadas de filmes com personagens negros, eles continuam sendo representados de forma estereotipada. Segundo Turner (1997, p. 53), “a representação visual também possui uma ‘linguagem’, conjunto de códigos e convenções usados pelo espectador para que tenha sentido aquilo que ele vê. As imagens chegam até nós já como mensagens ‘codificadas’, já representadas como algo significativo em vários modos”. Dessa forma, evidencia-se a força do cinema que, ao mostrar imagens de negros discriminados, comunica-se através de outro tipo de linguagem que não a verbal, mas a visual. Porém contendo a mesma, ou até maior, influência sobre a audiência.

O filme vencedor do Oscar 2016, *Moonlight: Sob a Luz do Luar*, repercutiu uma outra imagem dos protagonistas negros. O retrato das relações sociais do personagem principal, o menino Chiron, e o desenvolvimento do autoconhecimento ficam evidentes quando Juan, seu amigo e

também uma figura paterna, o adverte que “em algum momento, você tem que decidir quem quer ser. Não pode deixar ninguém que ninguém decida por você”³. No decorrer da trama, a relação com as drogas é retratada em segundo plano. As indicações a respeito de personagens, que se encontram anotadas no papel ou na cabeça de um argumentista roteirista-diretor, constituem apenas uma fase preliminar de trabalho. A personagem de ficção cinematográfica, por mais forte que seja sua raiz na realidade ou na ficção pré-existente, só começa a viver quando encarnada numa pessoa, num ator. (GOMES, 2007). Dar autonomia ao personagem, fortalece a importância do mesmo. No caso do filme *Moonlight: Sob a Luz do Luar*, isso mostra que o menino Chiron não só pode, como precisa tomar decisões, da mesma forma que o espectador.

2.3 Crianças negras no cinema e o processo de identificação

A infância, sendo ela uma invenção recente, só passou a ser representada no cinema com temas como pobreza, miséria e guerra, a partir da Segunda Guerra Mundial, quando “as fotos das crianças judias nos campos de concentração alemães haviam corrido o mundo inteiro” (MONLEÓN, 1980, *apud* LOPES, 2012, p. 145).

Apesar de não tratarmos sobre filmes para as crianças e sim sobre os personagens interpretados pelas crianças, o processo de identificação do espectador com as produções cinematográficas é de grande importância para nossa pesquisa. A identificação, segundo Duarte (2002, p. 71) é “definida na teoria psicanalítica como um processo psicológico por meio do qual o indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, de acordo com o modelo escolhido”. O sujeito assiste um filme e se identifica com o mesmo, se o que vê for o que vive, se for sua realidade. A mídia tem o poder de criar identificações.

Os estereótipos, o processo de identificação e as representações estão intimamente ligados. Quando atores representam de forma recorrente os mesmos papéis, o espectador concebe uma identificação para aquele personagem, passando assim a ser estereotipado. Deste modo, a análise da representação da criança negra no cinema faz-se necessária, pois não está ligada de forma isolada à produção cinematográfica, mas sim ao processo de identificação cultural de uma sociedade.

³ “At some point, you gotta decide for yourself who you're going to be. Can't let nobody make that decision for you”.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi de natureza qualitativa, com cunho exploratório e de caráter documental. A escolha da metodologia qualitativa decorre da natureza do objeto que nos propusemos a estudar: o preconceito racial reforçado através do cinema, uma vez que ela busca compreender falas, escritos, dados e interpretar estes componentes dentro de um contexto social, relacionando-os com a realidade.

O caráter documental decorre em virtude do estudo e análise do conteúdo de documentos, que para esta pesquisa foram filmes nacionais e internacionais lançados entre os anos 2006 e 2016, com atores na faixa etária de cinco a doze anos (início da puberdade) de etnia negra. Esta faixa etária foi selecionada, pois segundo Shaffer e Kipp (2012) representa o período da meninice, período em que se internaliza valores sociais. Este é um período em que a criança se compara com seus pares.

Quanto ao instrumento de coleta de dados, utilizamos a base de dados *Internet Movie Database* (IMDb), por ser a maior base de dados online com informações sobre produções cinematográficas de abrangência mundial, e também o *Google*. A busca foi realizada durante dois meses, utilizando dois caminhos, o primeiro filtrando as produções por ano (2006-2016) e o segundo por país (Brasil). Para ambos os casos foram filtrados os 150 filmes mais votados e para cada título fez-se uma busca no *Google* com o nome da produção seguida da palavra “elenco”. As produções foram então classificadas em 10 categorias: filmes sem crianças, filmes com crianças brancas, filmes com crianças negras, filmes em que não se encontrou a idade dos atores mirins, séries ou novelas, documentários, animações, curtas metragens, musicais e, no caso dos filmes brasileiros, filmes fora do ano de análise.

Os dados coletados foram primeiramente organizados em planilhas com as classificações mencionadas e depois tabelados por tipo de produção a cada ano. Os filmes com crianças negras foram então organizados em outra planilha, visando auxiliar no registro e categorização, contendo os seguintes elementos: nome do filme, ano de produção, gênero do filme, resumo do mesmo, nome do ator mirim negro, relevância do papel da criança para a produção (papel principal ou secundário), características do personagem infantil negro.

A partir dos dados coletados, foi feita uma análise qualitativa visando alcançar os objetivos específicos, utilizando-se as seguintes categorias: relevância do papel e características dos personagens. Os objetivos específicos incluíram: 1) realizar levantamento das produções cinematográficas de longa metragem com a participação de crianças negras entre os anos 2006 e 2016 utilizando o IMDb como base para a pesquisa; 2) analisar os papéis de crianças negras entre

cinco e doze anos nestas produções; 3) verificar a representatividade das crianças no enredo, classificando os papéis em primários ou secundários; 4) apontar o contexto socioeconômico dos papéis destas crianças; 5) identificar se os papéis que as crianças negras assumem, contribuem para estereótipos socioculturais, construídos historicamente, que afetam a imagem do negro.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir da metodologia proposta, foram encontradas 2.129.538 produções lançadas entre os anos 2006 e 2016. Destas, 1.800 foram analisadas, sendo 1.650 internacionais e 150 nacionais. Considerando as 1.650 produções internacionais, há 963 filmes sem crianças no elenco, 352 filmes com crianças brancas e 31 filmes com crianças negras no elenco, além de 157 séries, 98 animações, 15 documentários e 1 curta metragem. A idade de 31 atores mirins brancos e 1 negro não foi encontrada. O ano de 2006 foi o ano com mais produções com crianças negras, contabilizando 6 filmes ao total, conforme tabela 1.

Tabela 1: Total de produções internacionais por categorias de 2006 a 2016

Tipologia/ Ano	Total Títulos do ano	Filmes sem criança	Filmes com crianças brancas	Filmes com crianças negras	Não encontrado a idade	Séries	Anima- ções	Document- ários	Curta- metragens
2006	123.098	85	40	5	0	10	9	1	0
2007	137.218	72	51	4	1	10	10	2	0
2008	145.722	96	30	5	2	7	6	4	0
2009	155.145	93	30	0	4	12	11	0	0
2010	173.051	104	16	3	4	13	8	2	0
2011	202.277	79	38	0	9	16	7	1	0
2012	223.649	92	30	3	6	9	9	1	0
2013	235.569	109	13	1	0	20	7	0	0
2014	241.307	86	35	2	0	17	8	2	0
2015	244.664	74	36	4	0	25	9	1	1
2016	247.838	74	33	4	6	18	14	1	0
Total:	2129.538	964	352	31	32	157	98	15	1

Fonte: Elaboração da equipe a partir dos dados no site IMDb, 2017.

Dentre as 150 produções brasileiras, 69 filmes não possuem crianças no elenco, 13 possuem crianças brancas e 1 possui criança negra, 53 filmes estavam fora do período analisado, além de haver 8 séries ou novelas, 3 animações, 2 documentários e 1 musical, conforme tabela 2.

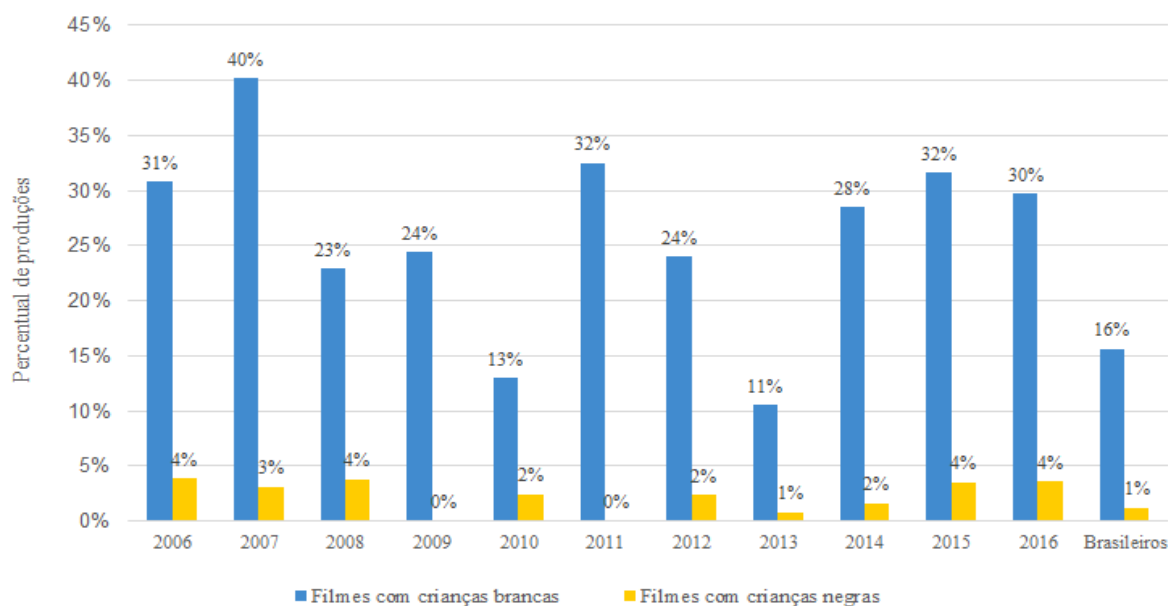
Tabela 2: Total de produções nacionais por categorias de 2006 a 2016

Tipologia/ Ano	Total Títulos	Filmes	Filmes com crianças brancas	Filmes com crianças negras	Fora do ano	Séries/ Novelas	Animações	Documentá rios	Musica l
2006-2016	21.343	69	13	1	53	8	3	2	1
Total:	21.343	69	13	1	53	8	3	2	1

Fonte: Elaboração da equipe a partir dos dados no site IMDb, 2017.

Das 1.800 produções analisadas, 1.430 foram classificadas como filmes. Destes, 25,52% possuem crianças brancas no elenco, enquanto os filmes com crianças negras somam 2,23%, sendo 2,38% para filmes estrangeiros e 1,20% para filmes brasileiros. A diferença do percentual de filmes com crianças brancas e negras pode ser vista no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Percentual de filmes com crianças brancas e negras: 150 filmes mais votados por ano



Fonte: Elaboração da equipe a partir dos dados no site IMDb, 2017.

Dos 32 filmes com crianças negras, em 43,75% das produções elas possuem papéis relevantes, sendo 56,25% com papéis irrelevantes. Dentro das 18 produções com papéis irrelevantes, em 9 as crianças aparecem em cena, porém não possuem falas. A partir do método de análise proposto, não foi possível identificar as características do papel da criança negra (aspectos sociais) nestas produções.

Os anos que tiveram o maior número de produções com crianças negras foram 2006 e 2008, contabilizando cinco filmes em cada. Contudo, em 2006 apenas “À Procura da Felicidade” possui uma criança negra com papel relevante, e em 2008 este número sobe para dois, com os filmes “Faça o Que eu Digo, Não Faça o Que eu Faço” e “O Dia em que a Terra Parou”.

Nos filmes com crianças negras, temas como a pobreza e outras configurações familiares⁴, são frequentes. “A Procura da Felicidade” (2006) conta a história de Christopher Gardner (Will Smith), um vendedor abandonado pela esposa, e de seu filho Chris (Jaden Smith). Eles são negros e vivem no limite da linha da pobreza, chegando a morar em hotéis baratos, refúgios para mendigos, rodoviárias, banheiros de metrô e até mesmo nas ruas de *San Francisco*. Uma forma de examinar a pobreza, leva em consideração o atendimento das necessidades básica. Segundo Tronco e Ramos (2017, p. 296):

[...] a pobreza é multidimensional (Rocha, 2003), por isso não pode ser definida somente como a falta de dinheiro ou de alimentação: a privação de outros aspectos, alguns tão objetivos quanto o acesso a postos de saúde e outros tão subjetivos quanto a religiosidade, também determina se um indivíduo é pobre ou não.

Considerando a falta de dinheiro e moradia, como algumas das caracterizações de pobreza, em “O Som do Coração” (2007), Evan (Freddie Highmore) está em busca de seus pais, que ele acredita estarem vivos, e vai à Nova York, onde encontra Hope (Jamia Simone Nash). Esta, não possui casa, vive em uma igreja, com a vó, e seu papel é ensinar Evan as escalas de músicas no piano, para ajudá-lo a encontrar seus pais. Com frequência, o negro aparece nas produções, apenas como suporte ao personagem branco. Sendo aquele que ensina algo, aquele que morre para que o branco viva, ou, ainda, somente como um amigo secundário, sem muita relevância, e que logo é esquecido ou deixado para trás.

A pobreza e o racismo, por vezes são apresentadas como algo recorrente ou satirizado, como em “O durão” (2015), em que James King (Will Ferrell) é um milionário branco, que ganhou tudo

⁴ Arranjos familiares que englobam os seguintes cenários: pais solteiros, mães solteiras, pais separados, entre outros.

na vida, e tenta mostrar a Dornell (Kevin Hart) que a vida é difícil. Dornell tem um pequeno negócio de lavagem de carros e poupa dinheiro para comprar uma casa em um bairro mais seguro, para que, assim, sua filha Makayla (Ariana Neal) possa frequentar uma escola que não seja considerada perigosa. Ariana, que tinha 11 anos de idade durante a gravação do filme, é identificada como filha do personagem principal, apresentando cenas cômicas e diretas.

Em “Um Limite Entre Nós” (2016), a menina Raynell (Saniyya Sidney) perde a mãe ao nascer, crescendo sob os cuidados do pai Troy (Denzel Washington) e da madrasta Rose (Viola Davis), na região afro-americana da cidade de Pittsburgh, na Filadélfia (EUA). Troy é lixeiro, analfabeto, criado na pobreza em uma plantação do Sul, e um esportista frustrado, uma vez que os negros eram barrados das ligas de beisebol, além de ter passagem pela prisão. Este filme retrata muito bem famílias afro-americanas dos anos 50, que lidavam não só com a pobreza, mas também com o racismo, que os afetava dentro e fora de casa. O ambiente doméstico em que Raynell cresce é repleto de brigas entre seu pai e seu irmão Cory (Jovan Adepo), por conta do racismo sofrido pelos negros e diferentes visões sobre o futuro destes no país.

Diferente das famílias tradicionais, consideradas patriarcais, as novas configurações familiares segundo Fonseca (2005, p. 54) entendem “o laço familiar como uma relação marcada pela identificação estreita e duradoura entre determinadas pessoas que se reconhecem entre elas certos direitos e obrigações mútuas”. Isto fica evidente nos filmes “A procura da Felicidade”, “Faça o que Eu Digo, Não Faça o que eu Faço”, *Karate Kid*⁵ (2010), “Moonlight: Sob a Luz do Luar” e “Pense Como Eles” que trazem uma configuração de família cada vez mais frequente, de pais ou mães solteiras, onde as crianças recebem influências destes, mas também de amigos ou pessoas próximas. Em *Karate Kid*, Dre Parker (Jaden Smith) mora apenas com a mãe (Taraji P. Henson), na China, e logo passa a conviver com o zelador de seu prédio, o Sr. Han (Jackie Chan). O Sr. Han é mestre em Kung-Fu e ensina Dre a ter calma e maturidade

Nos filmes “Faça o que Eu Digo, Não Faça o que eu Faço” e “Pense Como Eles”, Ronnie (Bobb'e J. Thompson) e Duke (Caleel Harris), respectivamente, são filhos únicos e moram apenas com suas mães. No primeiro filme, o protagonista Ronnie é um garoto negro que é malcriado e grosseiro. Ele participa do programa *Big Brother* em que Anson Wheeler (Seann William Scott) se torna seu mentor e a medida em que convivem juntos, ambos se transformam. Wheeler vira uma figura essencial para o garoto, fazendo papel de amigo, conversando de igual para igual e impondo limites ao garoto. Já em “Pense Como Eles”, Duke passa a conviver com o novo namorado de sua mãe (Regina Hall), Michael (Terrence J). Este não assume o papel de pai do garoto, mas sim de um amigo e de alguém em quem ele pode confiar.

⁵ Título sem tradução para o português

Em “Moonlight: Sob a Luz do Luar”, Chiron (Alex R. Hibbert) também é filho de mãe solteira e vive na pobreza em um ambiente com uma outra configuração familiar. Sua mãe, Paula (Naomie Harris), é usuária de drogas e não provê as necessidades do filho, além de morar com ele em um apartamento com baixo nível de higiene e estrutura precária. Diante deste contexto, o menino foge de casa e acaba encontrando amizade em um traficante chamado Juan (Mahershala Ali), que o acolhe e se torna uma figura paterna para Chiron. Essa amizade improvável resulta em uma ligação mais profunda entre os dois, de forma que Chiron encontra refúgio na casa de Juan e é tratado como um filho por ele e sua namorada, Teresa (Janelle Monáe).

Em todos esses casos apresentados, exceto por “Moonlight: Sob a Luz do Luar”, os pais solteiros tentam providenciar a melhor estrutura que podem para seus filhos, mesmo que por vezes ela não pareça a mais adequada. Percebemos influência de pessoas externas à família biológica, que passam a ter papel fundamental na vida das crianças, seja pela amizade, oferta de estrutura, ensinamentos ou pela transmissão de conhecimentos e valores.

Por vezes, as crianças aparecem nas produções, apenas como a versão infantil dos personagens adultos, como em “Abraham Lincoln: O caçador de Vampiros” (2012), em que Will (Curtis Harris), é filho de escravo e quando adulto, torna-se amigo do protagonista. Já em “12 anos de escravidão” (2013), um drama baseado na história real de Solomon Northup, Chiwetel Ejiofor interpreta um homem negro, livre e letrado, que vive nos Estados Unidos de 1841, alguns anos antes da abolição oficial da escravatura. Na trama, Solomon sofre um golpe, é aprisionado e levado ao sul escravagista, ilegalmente. A história conta com a presença de quatro crianças negras, os filhos de Solomon (Quvenzhané Wallis e Cameron Zeigler), além dos filhos da escrava Eliza (Adepero Oduye), que não possuem papéis relevantes na produção, são personagens sem nomes, sem falas e que aparecem em cena apenas no início do filme.

Histórias de superação são frequentes nos papéis interpretados pelos negros. Em “Norbit: Uma Comédia de Peso” (2007) e “Creed: Nascido Para Lutar” (2015), os atores Khamani Griffin e Alex Henderson, respectivamente, interpretam crianças abandonadas que passaram a infância em orfanatos. Ambos aparecem inicialmente nas produções como crianças e, quando adultos, tornam-se os personagens principais das produções. Em Creed, Adonis, quando adulto (Michael B. Jordan), pode ser considerado de classe alta, com carros do ano e cargo elevado na empresa, além de morar em uma luxuosa casa.

Visto que vários filmes analisados trouxeram a temática do racismo contra os negros, a discriminação racial é tratada em “Selma: Uma Luta pela Igualdade” (2016) e “Estrelas Além do Tempo” (2016) de forma ainda mais intensa. O Estatuto da Igualdade Racial (lei nº 12.288/10), parágrafo único, considera discriminação racial ou étnico-racial toda:

[...] distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada.

“Selma: Uma luta pela Igualdade” traz a história de Martin Luther King Jr. (David Oyelowo) em um registro histórico sobre a luta em favor do direito ao voto da população negra no Estado do Alabama nos EUA. A segregação racial e a discriminação marcam esta história, que conta com a presença de algumas crianças negras, entre elas os filhos de Martin Luther King Jr., que aparecem pouco em cena. Em uma das tentativas de assassinato a King, algumas crianças negras são assassinadas. Uma delas, a única atriz identificada na relação de elenco, é interpretada por Nadej K Bailey. Todas as personagens aparecem poucos minutos em cena, não sendo possível traçar o perfil socioeconômico das mesmas.

Em "Estrelas Além do Tempo", os filhos e filhas das personagens principais sofrem discriminação racial por serem negros. A trama conta a história de Katherine (Taraji P. Henson), Dorothy (Octavia Spencer) e Mary (Janelle Monáe), cientistas da NASA em plena Guerra Fria, onde EUA e Rússia disputavam a corrida espacial. O filme é marcado pela luta das mulheres que buscam conquistar seu espaço em um mundo dominado por homens e melhorar as oportunidades de sucesso profissional de seus filhos. Os contatos que as crianças da produção possuem, se dão entre a própria comunidade negra.

Para Turner (1997), a compreensão das sociedades retratadas nos filmes, se dá através de nossa experiência na sociedade em que estamos inseridos. *Beasts Of No Nation*⁶ (2016) retrata uma sociedade distinta da que conhecemos, de sul brasileiros. Encontramos cenário de guerra na produção, em que Agu (Abraham Attah) é separado da família durante uma Guerra Civil em um local não especificado da África. Embora Agu não se encaixe no quesito idade, da metodologia proposta, as demais crianças da história, vivem nas mesmas condições de Agu. Elas são órfãs de guerra encontrados pelo assim apresentado, *Commandant* (Idris Elba), que os força a usar armas e abusa deles.

Quando assistimos a um filme e o entendemos, olhamos para os gestos, ouvimos os sotaques ou observamos o estilo do vestuário a fim de identificar as personagens, por exemplo, com determinada classe, grupo de preferência ou subcultura. E se os gestos, sotaques e estilos não forem aqueles de nossa sociedade, nós os entendemos mediante

⁶ Título sem tradução para o português

nossa experiência com eles em outros filmes, ou construindo analogias entre a sociedade que aparece no filme e a nossa própria. (TURNER, 1997, p.86)

Consideramos classe média, famílias que possuem moradia com saneamento básico, alimentação suficiente todos os dias, acesso à educação, acesso à saúde e, nos dias atuais, acesso à tecnologia e automóvel. Encontramos estes aspectos, nos seguintes filmes *Karate Kid*, e “Faça o que eu Digo e Não Faça o que eu Faço”, “Pense Como Eles”, “Selma: Uma Luta Pela Igualdade” e “Gente Grande” (2010). No último, vemos cinco famílias de classe média, que decidem se encontrar após a morte do treinador de basquete de suas infâncias. Eles alugam uma casa no lago e reúnem as famílias. Andre Mackenzie (Nadji Jeter) e Charlotte Mackenzie (China Anne McClain), interpretam os filhos de Kurt Mackenzie (Chris Rock), um dos protagonistas de férias, e aparecem com frequência na produção.

O ator Samuel L. Jackson está presente em duas produções: “Ameaça Terrorista” (2010), interpretando Henry Harolds Humphries, um agente de operações especiais; e “O Vizinho” (2008), como Abel Turner, um policial corrupto. No primeiro, o filho do protagonista é Marcus Turner (Jaishon Fisher) e no segundo são Peter Humphries (Sayeed Shahidi) e Katie Humphries (Yara Shahidi), com pontuais participações no enredo, sendo relevantes apenas como filhos do protagonista.

Will Smith costuma ser o protagonista nos filmes em que atua e seus papéis costumam variar. Em “Beleza Oculta” (2016), ele interpreta um dono de uma agência de Design renomada, que perde a filha Olivia (Alyssa Cheatham) de seis anos. A família pode ser considerada como classe média, por conta da situação financeira de Howard (Will Smith). Situação parecida, ocorre com o ator Cayen Martin, em “MIB³ - Homens de Preto 3” (2012), que interpreta a versão infantil do Agente J (Will Smith), apresentado como filho de um importante oficial militar. Igualmente, em “Eu sou a Lenda” (2007), Marley Neville (Willow Smith) interpreta a filha do Tenente Coronel Robert Neville (Will Smith), que é o personagem principal. No enredo, Marley morreu em um choque de helicópteros e, durante o filme, ela aparece em *flashbacks*, de memórias do Tenente Coronel Robert.

No filme “O Dia em que a Terra Parou” o ator negro ocupa um papel de relevância para o enredo, sendo um dos protagonistas. Na história, o personagem Jacob (Jaden Smith) é enteado de uma cientista branca chamada Helen Benson (Jennifer Connelly) e seu nível econômico pode ser classificado como classe média. Neste filme de ficção científica, um alienígena atravessa o universo para chegar à Terra e avisar os humanos sobre uma crise global, Jacob e Dra. Helen precisam proteger este alienígena na Terra.

Em 9 das 32 produções com crianças negras, não foi possível identificar, nos papéis das crianças, o seu nível socioeconômico. São eles: “Uma Noite no Museu” (2006), “Dreamgirls: Em Busca de um Sonho” (2006), “Armações do Amor” (2006), “Os Esquentas-bancos” (2006), “Alien vs. Predador 2” (2007), “Sete Vidas” (2008), “Rebobine, Por Favor” (2008), “Policia em Apuros” (2014) e “O Último Caçador de Bruxas” (2015). Nas nove produções, as participações das crianças negras são curtas, durando cerca de minutos, com poucas ou nenhuma fala. Em “O Último Caçador de Bruxas”, “Sete Vidas”, “Alien vs. Predador”, elas não possuem nem mesmo nome.

Dentre os atores/atrizes infantis mencionados na presente pesquisa, Jaden Smith aparece em três produções com papéis relevantes, “À Procura da Felicidade”, *Karate Kid* e “O Dia em que a Terra Parou”. Sendo o único ator negro, infantil, a protagonizar mais de uma produção e variar nos papéis, que a presente pesquisa encontrou.

4.1 Produções brasileiras

Em 1896, o cinematógrafo chegou ao Brasil, e logo as produções nacionais iniciaram. Em 1937, Getúlio Vargas criou o Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), para incentivar as produções nacionais que estavam perdendo espaço para as produções internacionais. (DUARTE, 2009).

As produções cinematográficas ganham um destaque mundial, quando aparecem em premiações. O filme brasileiro “Cidade de Deus” (2002), dirigido por Fernando Meirelles, ganhou repercussão mundial, quando apareceu no Oscar de 2003. Para Benetti (2013, p.390) conforme os autores Vanoye & Gallot-Lété (2005), Chesnais (1999) e Dowdney, (2003), “pode-se considerar essa obra como um filme para esboçar o quadro de uma sociedade e alertar para a infantilização do crime, onde, cada vez mais crianças mais jovens assumem a liderança de grupos criminosos”. Porém nossa pesquisa não abrangeu a produção Cidade de Deus, por conta de estar fora do ano estipulado.

Nas produções brasileiras, embora o cenário seja diferente, também há pouca participação de atores mirins negros. Das 150 produções mais votadas, foram retiradas as que não se encaixam na data estipulada (2006 - 2016), bem como animações, curta-metragens, documentários, musicais, novelas e séries. No total, somente duas produções possuem crianças negras, sendo uma delas o documentário Lixo extraordinário (2010) e o filme Besouro (2011). Lixo Extraordinário, por se tratar de documentário, não foi utilizado para a presente pesquisa.

O filme Besouro, traz a história dos negros vivendo no Nordeste, que mesmo com o fim da escravidão, continuavam trabalhando em condições precárias e degradantes em canaviais e

plantações. Na época, a capoeira, luta disfarçada de dança, praticada pelos negros, era marginalizada pelos brancos. Quando menino, Manoel Henrique (ator não identificado), era órfão e, desde cedo, aprende com o Mestre Alípio os segredos da Capoeira. Ele chega a desacreditar em seu futuro e diz “Eu não posso porque sou menino, eu não posso porque sou pobre, eu não posso porque sou preto”, mas mestre Alípio contesta-o “Amanhã será homem, um dia pode ser rico, e preto com muito orgulho de sua cor...”. Mais tarde, Manoel é batizado Besouro e passa a lutar pelos direitos dos negros em sua região. As crianças da produção não possuem identificação. Segundo, Libardi (2013, n.p.), em “Besouro”, “todas as crianças contratadas eram da Bahia, onde o filme foi realizado. Algumas eram de Salvador, e outras da Chapada da Diamantina”. Após a gravação do filme, as crianças não participaram de novas produções.

O Censo é a contagem da população brasileira, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, a cada dez anos. O último Censo realizado em 2010, apresenta a população geral do Brasil, com 190.755.799 habitantes, sendo 51,1% declarantes como negro ou pardo e os outros 49,9% divididos em brancos, indígenas e amarela (DIEESE, 2013). Considerando essa porcentagem e o número de produções encontradas, nota-se que por mais que a população negra seja maior no Brasil, ainda assim há o predomínio do branco nas artes cinematográficas.

Notou-se, além disso, que a falta de atores infantis negros no cinema não advém da falta de crianças nos filmes, nem mesmo da falta de adultos negros. Pois diversos filmes possuem tanto adultos negros quanto crianças brancas, deixando de fora apenas, especificamente, as crianças negras. Em outros casos, nas produções em que há crianças negras e brancas, estas possuem papel com maior relevância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a presente pesquisa procurou-se ampliar os conhecimentos acerca dos papéis das crianças negras no cinema, partindo da premissa de o cinema ser considerado importante material de estudo e aprendizagem, e não apenas uma manifestação cultural. A partir dos resultados, identificou-se que as crianças negras costumam interpretar papéis secundários e estereotipados. Notando-se também que a falta de crianças negras nas produções não advém da falta de atores, mas sim da falta de oportunidades, pois em todas as produções analisadas, há presença de crianças brancas no elenco, e por vezes com maior relevância para o enredo.

Deste modo, os papéis interpretados pelas crianças negras são estereótipos já consolidados na sociedade, tais como filhos de pessoas pobres, escravos, com outras configurações familiares e que sofrem preconceito racial. Considerando o total de filmes analisados, em 6 deles a criança

negra representou papéis em que era pobre; em 2 tinham papel de filhos de escravos; em 4 tinham famílias com outras configurações; e em 4 filmes foi constatado o racismo contra negros no enredo. Considerando outros papéis encontrados, podemos citar filho de família de classe média com a ocorrência em 11 filmes e cenário de guerra em um filme. Em 9 filmes, não foi possível identificar o papel da criança negra, nem seu nível socioeconômico. Em alguns filmes, o papel desempenhado pela criança negra se encaixa em vários temas, de forma que elas eram representadas, por exemplo, como sendo ao mesmo tempo pobres, vivendo em outras configurações familiares e sofrendo racismo.

Durante as pesquisas, observou-se uma grande diferença de número de produções com crianças negras se compararmos os filmes estrangeiros e os brasileiros, havendo a presença delas em 2,38% e 1,20% dos filmes analisados, respectivamente. Esse número demonstra que filmes produzidos no Brasil não representam as próprias crianças do país, visto que, segundo o IBGE (DIEESE, 2013) a maior parte da população brasileira se identifica como negra ou parda.

Espera-se ampliar a presente pesquisa, aprofundando as discussões sobre a temática, que consideramos pouco explorada. A partir das leituras realizadas, notou-se a falta de teóricos que falem sobre as crianças negras no cinema, as produções existentes dissertam sobre crianças, crianças negras e a criança negra na educação, separadamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Decreto-lei n.º 5.452, de 1.º de maio de 1943. Aprova a consolidação das leis do trabalho. **Diário Oficial da União**, Brasília, 01 mai. 1943. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del5452.htm>

BRASIL. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. **Diário Oficial da União**, Brasília, 21 jul. 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm>. Acesso em: 20 nov. 2017.

BENETTI, Idonézia Collodel. Psicologia social e a infância perdida em “Cidade de Deus”. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo, v. 33, n. 85, p. 388-404, dez. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2013000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 mai. 2017.

COQUEIRO, Edna Aparecida. **A naturalização do preconceito racial no ambiente escolar**: Uma reflexão necessária. Núcleo de Educação. IES: UFPR, Curitiba, 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1838-6.pdf>>. Acesso em: 23 mai. 2017.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. **A inserção dos negros no mercado de trabalho da Região Metropolitana de Porto Alegre em 2015**. São Paulo: DIEESE, 2016. Disponível em: <https://cut.org.br/system/uploads/action_file_version/1fcd516c53da22deae03e41c795da50/file/dados-20-20-20-20-20-20populacao-20negra-20no-20brasil-20-20populacao.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2017.

DUARTE, Rosalia. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FONSECA, Claudia. Concepções de família e práticas de intervenção: uma contribuição antropológica. **Saúde soc.**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 50-59, ago. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902005000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 nov. 2017.

GARCIA, Ana Carolina. **A Fantástica Fábrica de Filmes**: como Hollywood se tornou a capital mundial do cinema. Rio de Janeiro: Senac, 2012.

GOMES, Paulo Emílio. A Personagem Cinematográfica. In: CANDIDO, Antônio *et al.* **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

IMDB. Disponível em <<http://www.imdb.com/>>. Acesso em: 13 jun. 2017.

LIBARDI, Margareth. **Estrelinhas**: como colocar crianças na carreira artística. São Paulo: Matrix, 2013.

LOPES, Francisca Rodrigues. **Representações da Infância no Cinema**: Ficção e realidade. 2012. 212 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na Escola**. 2. ed. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SHAFFER, David; KIPP, Katherine. **Psicologia do Desenvolvimento**: Infância e Adolescência. 8. ed. São Paulo: Cengage Learning Brasil, 2012.

TRONCO, Giordano Benites; RAMOS, Marília Patta. Linhas de pobreza no Plano Brasil Sem Miséria: análise crítica e proposta de alternativas para a medição da pobreza conforme metodologia de Sonia Rocha. **Rev. Adm. Pública**, Rio de Janeiro, v. 51, n. 2, p. 294-311, mar. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122017000200294&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 nov. 2017.

TURNER, Graeme. **Cinema como Prática Social**. São Paulo: Summus, 1997.